

ELSINORE

A Marina Perezagua TEMPESTADE

CONTOS REUNIDOS

«Uma das mais espantosas vozes reveladas já neste século.»

Diogo Vaz Pinto, *Jornal I*



ÍNDICE

- 13**
A tempestade
–
- 23**
Transplante
–
- 29**
Ele
–
- 35**
Aurática
–
- 47**
Língua estrangeira
–
- 59**
A Impenetrável
–
- 65**
Novo Reino
–
- 73**
A loba
–
- 79**
Leite
–
- 85**
Aquele que se rendeu
–

95

Little Boy

–

127

Aniversário

–

137

Gabrielle

–

151

Caça de bonecas

–

159

Homo coitus ocularis

–

165

Jana e Jano

–

171

Por favor, desenraíza-me

–

177

Luminária

–

195

A alga

–

205

O testamento

–

215

As ilhas

–

223

Um só homem só

–

À minha mãe,
destemida imaginata

A TEMPESTADE

Ouvi dizer
Que criaturas culpadas, no teatro sentadas,
Foram pelo artifício de uma cena
Tão percutidas na alma que aí mesmo
Proclamaram alto os seus malefícios;
Que o assassínio, embora sem língua, fala
Com bem miraculoso órgão.

WILLIAM SHAKESPEARE,
Hamlet

Helena levantou-se da mesa a pedido de todos os convidados. Queriam ouvi-la dizer algumas palavras em honra daquela ocasião. O momento era agradável e propício, na satisfação de um banquete delicioso e na certeza de uma embriaguez moderada que, como uma lima, tinha começado a suavizar as asperezas que pudessem existir entre alguns dos quinze comensais. De início, Helena sentiu que a importunavam, mas, como não gostava de se fazer rogada, pôs-se de pé e atendeu ao pedido.

Enquanto alguém pedia silêncio com o tilintar de uma colher de prata a bater num copo, ela, Helena Modjeska, a grande atriz polaca, começou a falar e de imediato me cativou, de tal forma que, por alguns segundos, não me apercebi de um facto insólito: ela estava a falar na sua língua materna, embora entre os convidados não estivesse

qualquer polaco. Olhámos uns para os outros com estranheza. Durante alguns instantes, pensámos que ela estaria simplesmente aturdida, e tentámos preveni-la fazendo alguns sinais que indicavam a nossa confusão, mostrando-lhe que não conseguíamos entender nada do que estava a dizer. Mas ela ignorou essa advertência e continuou a falar no seu idioma.

Eu tinha chegado à América há pouco tempo. Era junho de 1889, e aquele encontro poderia considerar-se o meu primeiro contacto com os habitantes californianos. Tinha sido convidado pelo capitão Haley, que foi buscar-me ao porto no qual atracou o meu navio. O capitão, grande amigo do meu pai, estava velho, desgastado pela idade e pelos reveses próprios de um lobo do mar, pelo que considerei que me tinha sido prestado um grande gesto de generosidade ao ter ido ao porto para me buscar e acompanhar até à modesta casa que eu arrendara para os começos da minha nova vida americana. Tive tempo para deixar a minha bagagem na entrada da casa e lavar da minha cara o terrível enjoo que se prolongou durante toda a viagem. Depois, a caminho da festa, o capitão foi-me descrevendo com detalhe a história dos nossos anfitriões, o conde Chlaplowski e a sua mulher, a célebre Helena Modjeska. Insistiu nas suas afirmações sobre o extraordinário talento e popularidade de Modjeska como atriz; penso até que tentou impressionar-me, revelando com orgulho que no seu círculo de amizades havia mais do que militares, comerciantes e colonos de barriga cheia. Cultura, havia cultura!... Definitivamente, acredito que ele não pretendia dizer-me outra coisa senão isso.

Durante a última noite da minha viagem, o barco foi sacudido por um forte temporal. O terror arrancou de mim as únicas orações que alguma vez rezei, e ainda tinha o medo tão colado ao corpo como o salitre; por isso, quando chegámos à casa dos Chlaplowskis, apressei-me a sair do carro para, por fim, respirar ar puro.

Entre nós e a casa, de aparência bastante simples, havia um enorme jardim com árvores de fruta exótica e plantas desconhecidas. As únicas referências ao velho continente eram umas quantas rosas, que exigiam, sem dúvida, muitos cuidados naquele espaço

de natureza indómita. Enquanto esticava as pernas e me satisfazia por estar entre os frutos de terra firme, uma rapariga saiu de casa para nos receber e anunciou a nossa chegada ao entrarmos no salão, grande, dourado, sumptuoso, em contraste com a fachada. Foi a primeira vez que vi Helena. A sua indumentária surpreendeu-me: calças e casaco masculino. A moda varonil para mulheres era algo relativamente recente, e por isso destacava-se entre os modelos que ostentavam as restantes convidadas, de saias e mangas em balão de cores pastel. Ela aproximou-se, de braço dado com o marido, e deu-me as boas-vindas com um copo de vinho. Ambos me perguntaram pela viagem e se mostraram preocupados quando mencionei a tempestade. Poucos minutos depois, alguém nos comunicou que o jantar esperava por nós no jardim da parte traseira da casa.

Esse jardim era muito mais pequeno do que o da entrada, e a mesa longa que tinham preparado para a refeição ocupava grande parte do espaço, numa tentativa de criar um ambiente íntimo, numa atmosfera saturada pelo cheiro de flores que se abrem sempre que a tarde cai. O dia puxava o calor desde o fundo da terra, e sentia-se nos pés a humidade quente a bater em retirada, enquanto aos nossos rostos, ao nosso peito, chegava a brisa da noite. Na mesa não faltava cuidado, e até os candelabros estavam dispostos de forma que não se interpusessem no campo de visão dos convidados durante as conversas. Helena sentou-se à cabeceira, e todos nós escolhemos os nossos lugares ao nosso gosto. Entre mim e ela estavam cinco pessoas, uma distância que agradei quando ela começou a recitar; era a separação necessária para conseguir vê-la integralmente e ouvi-la sem perturbações.

Após o tilintar do copo de vinho, fez-se silêncio. As velas tinham sido acesas há pouco tempo, a sua luz ganhava terreno à última claridade do dia, e assim que Helena se levantou, um dos convidados pegou num candelabro de três braços e aproximou-o dela, na borda da mesa. As velas, curtas e amplas, iluminavam desde baixo a sua silhueta, e vista daquela forma era tão alta e etérea como uma ascensão ao céu detida em plena subida.

Quando Modjeska, surpreendendo tudo e todos, começou a falar no seu idioma, a sua voz, por si só, criou no jardim uma cena perfeita, um teatro completo, e embora estivesse a poucos centímetros da mesa, a cadência da primeira frase, estrangeira e misteriosa, foi o bastante para que, de repente, nos víssemos sentados numas bancadas desde as quais ela parecia intocável. Passados dois minutos, compreendemos que Helena não falava para nós, estava a atuar. Nasceu então nos homens desse encontro a vontade de adivinhar a personagem que ela interpretava. E assim começou uma competição deveras invulgar, porque, estimulados pela ideia de que o vencedor seria recompensado com as atenções de Modjeska — que desceria do seu Olimpo em forma humana para beijar os lábios do vitorioso —, fomos invadidos pela necessidade de desvendar o enigma. À medida que os movimentos da atriz, a sua harmonia, nos entravam pelos sentidos, um instinto de rivalidade acicatou-nos e, um a um, juntámo-nos numa corrida de atletas que competiam fazendo uso de todo o seu conhecimento dramático.

A olimpíada começou pelo mais simples, e pensámos que a atriz estaria decerto a interpretar o papel de uma das personagens que tinha representado em tantos palcos, mas... qual? A bela Helena começou a desfilar pelas bambolinas dos cenários da nossa imaginação, e sempre que lhe atribuíamos um novo papel, ela despia-se para depois vestir outras roupas, vestes de tempos longínquos, variando entre as mais diversas mulheres; mudava de marido, de filhos, de cabelo, de pele; saía como uma borboleta do seu casulo uma e outra vez para nos elevar, a cada nova cena, num voo diferente.

Como a reputação de Modjeska se devia, sobretudo, ao seu talento para interpretar obras de Shakespeare, pelo qual tinha sido considerada a melhor intérprete feminina do autor, as apostas surgiram na forma de tímidas vozes que arriscavam sussurrar: «Lady Ana»... «Ofélia»... «Julietta»... Eu, se tivesse de pensar em Shakespeare, inclinar-me-ia mais por ver a atriz como Desdémona, filha de Brabâncio, vestida de veludo escuro com bordados venezianos, inocente e graciosa,

num quarto de dormir do seu castelo. Era óbvio que não podia ser Julieta, disso estava quase certo; aquela mulher não tinha a acentuação nem o comportamento de uma apóstola do amor, mas sim de uma vítima, e por isso aventurei-me e disse: «Desdémoma», porque me parecia ver, na modulação da voz, a inocência com que quis evitar ser estrangulada: «Matai-me amanhã! Deixai-me viver esta noite!», suplicava ao seu marido... «Meia hora apenas. O tempo, apenas, de rezar uma vez!», pedia-lhe... E, no fim, «Morro e morro inocente!»... Desdémoma, a que foi celestialmente leal, entre o beijo do assassino e a morte... «Oh, Desdémoma, morta, fria, fria como a tua própria castidade! Se alguém avançar para mim com tão-somente uma vara, recuarei.»

Enquanto Modjeska continuava a interpretar um papel que ninguém conseguia adivinhar, senti que o meu sangue pulsava de chofre num ímpeto de furacão, tão violento como a tempestade que tinha açotado o casco do navio durante a minha viagem. E revivi aquele horror. Ouvi de novo as vozes alarmadas da tripulação, o ruído insuportavelmente retumbante dos meus pertences a baterem nas paredes do camarote, o estrépito dos trovões, as pancadas das ondas que varriam o convés. E então, enquanto Helena falava, o resplendor repentino dos relâmpagos que tinha iluminado a cólera dos oceanos alumiu também a sua silhueta, que aparecia e desaparecia como o meu navio no meio da tempestade.

Ainda não estava totalmente recomposto dessa cena quando um homem aproximou a sua cabeça da minha. Enquanto a mulher lhe cravava as unhas no braço, ele sussurrou ao meu ouvido: «Ofélia.» Ofélia... Apaixonada por um dinamarquês vingativo e ambicioso, que confessava ter mais pecados nos seus pensamentos do que imaginação para os concretizar. «Vai para um convento», disse-lhe Hamlet. «Ou preferes andar a parir pecadores? Eu mesmo sou indiferentemente honesto e, no entanto, podia acusar-me de tais coisas que até seria melhor se minha mãe não me tivesse parido.» Olhei para Helena... Ofélia... Sim, talvez, mas uma Ofélia já perdida, a esboçar a sua própria loucura, a ruminar, para seu desespero, as palavras do amado príncipe: «Se te casares, toma esta praga em dote: ainda

que sejas casta como o gelo e pura como a neve, não hás de escapar à calúnia.» Mas as águas piedosas do ribeiro libertaram-na, afo-garam a sua vida para sufocar a mentira, e fizeram bem, porque todos os que a ouvíamos teríamos continuado a transmitir a infâmia de geração em geração. Hamlet tinha razão, ter-te-íamos injuriado por seres bela, honesta, verdadeira.

De repente, algo em Modjeska se transforma. Ouve-se o grito de um dos comensais: «Lady Ana!», e de outros: «Isabella!», «Tisbe!»... Tombam alguns cálices. Um fio de vinho tinto rasga, vagarosamente, um caminho pela mesa, como um arranhão, acompanhado por um silêncio expectante, que a atriz quebra para erguer em nosso redor um cenário diferente. Por um instante, o seu rosto enruga-se numa careta de desencanto, e eu penso que esse gesto é moderno, mas quem?, quem é? Alguém exclama: «Nora!» E eu faço uso da memória que tenho da única Nora que conheço, interpretada pela esplêndida Betty Henning no Teatro Real de Copenhaga, há dez anos. Exatamente, «Nora!», grito também, «Nora!». Nora, presa numa casa de bonecas. Uma boneca grande, ela, no seu casamento; boneca também, mas pequena, em casa do seu pai, e bonecos os seus filhos; um jogo de bonecas matrioscas que transformaram a sua carne em madeira seca. Sim, é esse o gesto, uma face com trejeitos de madeira gasta por um lar em dessecação. *Oh, Nora!*, penso com os nervos à flor da pele. *Humedecer-te-ia com toda a água do meu corpo, mais pujante do que o ímpeto das correntes marinhas.* E então, Modjeska, como se tivesse ouvido a minha voz interior, rompe num pranto e deixa-se cair de joelhos; agarra-se à mesa pelas pontas dos dedos, o olhar suplicante, o contraste entre o seu cabelo negro e a sua face a empalidecê-la, e olha para nós, implora como Mary Stuart: «Todo o meu ser, a minha vida, a minha sorte dependem agora do poder das minhas palavras e do meu pranto; oh, por Deus, que não seiais tão inacessível e distante como o penhasco escarpado do qual o pobre náufrago tenta, em vão, aproximar-se para o abraçar. Libertai o meu coração para que eu possa comover o vosso!» Sinto que Helena, ainda em súplica, cruza o seu olhar com o meu, e eis

a estranha suspeição de que ela lê os meus pensamentos. Sofro de novo com a ira de um ciclone. Tento permanecer sentado, mas o meu corpo ergue-se para lhe responder num golpe súbito de voz: «Tu, divina criatura, capaz de ler as ideias de quem te adora: olha-me assim, não deixes de olhar para mim, que a luz do teu farol não se apague até que os meus pés pisem a costa, que a tua boa estrela guie este barco ferido até ao porto dos vivos.»

O som das minhas palavras devolve-me a consciência, e sento-me de novo. Fui observado e odiado por todos. E também esquecido. Recomeça o fascínio produzido pela voz de Modjeska, e um coro de vozes inseguras continua a proferir nomes. Dou por mim afastado, distante dos outros. Fora da cena, contemplo o desejo crescente dos homens e os olhares severos das mulheres. Algumas vozes começam a impor um volume mais intenso, engolem as dos mais acanhados, e as apostas tornam-se disparatadas, com menções a personagens completamente alheias à carreira dramaturgica de Modjeska. Mas pressinto, nesses momentos, uma nova sensação. É a emoção do privilégio, a certeza, que sinto pela primeira vez, de ser o único convidado que sabe o que Helena está a dizer. Ela aprova a minha serenidade reavida, com palavras num tom indulgente, magnânimo, que me aconselham: «Isso. Não cortes o ar. Moderação em tudo; pois até na torrente, na tempestade e no furacão das paixões se deve conservar a temperança que suaviza e torna elegante a expressão.» Baixo ligeiramente a cabeça, para aceitar as suas palavras, mas, ao levantá-la de novo, o olhar de Helena já não é o mesmo. Continua direcionado para mim, mas atravessa-me, trespassa-me como se eu fosse um espectro ou o horizonte longínquo, e escuto o seu eco, lastimoso como a badalada final da morte:

Senhora, morto está e foi-se,
morto está e foi-se.
A cabeça leiva de erva verde
e uma pedra só aos pés.

«Não! Não! Eu não morri!», respondo, enquanto me levanto num salto. Sinto no meu estômago o peso dos quinze estômagos presentes no jardim e da digestão interrompida pelo oceano gélido. Sim, caí à água. Sou um homem ao mar. As ondas que me levantam e revelam a costa escondem-na também na sua queda. O enorme azul ruge, garganta estreita (ou é o barco que range, indefeso?). Abrem-se diante de mim as portas do medo, de par em par, e agarro-me a um rochedo; o relâmpago clareia a escuridão. «Estou a salvo?» Não. «Estou sozinho?» Também não. É nesse momento que a vejo, partilha metade do meu rochedo no mar, altiva (ou será uma figura de proa?), e fala nessa língua que ainda não compreendo, com essa boca que me promete a salvação caso a decifre. «Diz-me, Helena, o que me tentas dizer. Liberta-me, com as tuas palavras, destas ondas sem alma, tira-me destes naufrágios, faz de mim ginete, cavaleiro veloz em fuga da tempestade, e cavalo descansado a pastar no teu ventre. Mas quem és tu, Helena?» Aproximo-me dela, alcanço o seu pescoço. Na mesa, ninguém se mexe, todos estão inertes. Aperto-lhe a garganta, o cabelo dela solta-se. Todos estremecem, ninguém me detém. O seu rosto começa a ganhar tons de azul, agora está mais bonito. E volto a perguntar-lhe: «Quem és?» Ela olha para mim, deixa-me e parte para se afogar, para se afogar, deixa-me e parte, para se afogar... As suas roupas, tufadas em seu redor, bailam nas águas, estendem-se num amplo vestido que a sustém e conduz a salvo sobre o mar, de barriga para cima, na sua cabeça uma grinalda de margaridas, urtigas e longas flores purpúreas, que os pastores conhecem segundo nomes grosseiros e a que as raparigas castas chamam dedo-de-morto. Como se nascida e criada no elemento líquido, nele flutua durante um dia inteiro, enquanto, ignorante da sua desgraça, vai entoando velhas laudas, repetindo as estrofes mais belas para, generosa, resolver por nós o enigma: «Não interpretava nenhum papel... Era tão-somente o abecedário», diz numa tristíssima farripa de voz... «Estive sempre a recitar, uma e outra vez, o abecedário do meu país, o alfabeto da Polónia...», esclarece, e de imediato termina. «Oh, singular atriz! O teu talento irá custar-te a vida...» Em descanso sobre os seus véus,

continua a flutuar; ensimesmada, repete as suas letras enquanto observa as nuvens. Mas não poderia continuar daquela forma durante mais um dia. Os vestidos, pesados de tanta água que absorveram, arrastam para o fundo a infeliz mulher, e a morte interrompe o seu canto dulcíssimo. «Matei-a», temo. A bela Helena jaz sobre a mesa do jardim. As águas abriram-se à minha passagem. Estou vivo e seco. De uma vela cai uma pequena gota que arrefece sobre a sua pálpebra. A tempestade acalmou-se, e oiço um aplauso definitivo e profundo como um último adeus.

TRANSPLANTE

Tu olhavas para os meus dedos, eu dizia que não com a cabeça: hoje não poderei acariciar-te, terás de esperar novamente, mas desta vez estarás mais longe das portas do clímax, na demora indefinida do êxtase que te tenho prometido todos os dias desde há cem noites.

Estas enfermeiras esforçadas, ágeis, velozes, que entram e saem das salas movimentando máquinas, seringas e cateteres, levar-te-ão para o bloco operatório, preparar-te-ão para a cirurgia que está tão próxima, depois de uma espera à qual conseguiste sobreviver apoiada em mim.

Apoiada em mim, mas sem me tocar, como numa muleta horizontal e clandestina que, aos teus catorze anos, apenas poderias intuir (ou talvez nem isso), a muleta debaixo da tensão das minhas calças, essa tensão que te manteve em suspenso, que te prolongou a vida. E em teu redor, a tua respiração, um sopro, um arquejo, que te agasalharam como o espaço entre a minha pele e o tecido, reduzido pela excitação a algodão à chuva e apertado, penugem molhada da flor que ainda está no ramo.

Para lá dos ruídos metálicos, esponjosos, das enfermeiras, ouve-se a cirurgia, que se aproxima. Consegues senti-la? Encosta a tua orelha à almofada tal como a encostavas, com os teus amigos, à terra, perto da linha do comboio, e ouve a máquina que se avizinha a pouco e pouco. Observa. Já se vê: a cirurgia. O seu vapor faz avançar em cada passada um instrumento cirúrgico que é uma cena de fé, de futuro: uma saia de tule a dar ares de gaze que se agita na brisa de uma noite do próximo verão, umas tenazes que usarás para quebrar

a pinça de um caranguejo num restaurante francês (será o dia do teu aniversário), uma tesoura que são os olhos fiáveis, transparentes, da operação que avança enquanto o resto recua, o passado, a morte, o medo, até as enfermeiras; tudo se recosta ou se ergue perante esta cirurgia desejada por tantas outras pessoas, as que murcham nas listas de espera.

A operação requeria que o teu sistema imunitário se fortalecesse, mas também seria necessário um coração frio, a exatamente 4 °C. Depois de me teres pedido os meus dedos, vi a chegada do coração. A porta da ambulância abriu-se e vi um médico que saiu escoltado por dois enfermeiros. Isto aconteceu de madrugada, há poucas horas. Intuí o que seria ao ver que o traziam numa pequena geleira. Que emoção. Para a transportar, o médico agarrava a pega com muito cuidado. Ao passar a porta das urgências, gritou: «Coração na sala!», e o resto da equipa médica chegou a correr, com precisão, posta em movimento como uma maquinaria humana de batimentos cardíacos artificiais, que bombearia as paredes refrigeradoras até que o cirurgião tivesse posto o órgão (talvez o esteja a pôr agora) dentro da tua caixa torácica vazia.

E depois (agora?), após o transplante, o cirurgião sustém o teu novo coração sob a sua mão de látex. Precisa de sentir o primeiro batimento. Agora. Órgão recém-nascido em funcionamento. Mas não o larga. Não pode soltá-lo, tem de esperar que ele acompanhe o compasso da pulsação da luva. Agora. Muito lentamente, retira lentamente a mão do teu músculo cardíaco, de forma dissimulada, para que não se aperceba, tal como na tarde anterior a retirou das costas do seu filho, que pedalou sem reparar que o fazia equilibrado e sozinho, e que a mão do pai tinha soltado a bicicleta há quase cinquenta metros. *Não pares, pensa o cirurgião, pedala.*

Eu dizia-te para não teres medo, que faltava pouco para que te levassem deitada sobre quadro rodas como se viajasses num veleiro ou na vela esticada de um veleiro, para que tomassem conta de ti. Mas estavas tão assustada que só querias que os meus dedos te acariciassem para que não quebrássemos a rotina vital, a rotina da tua

espera nestas últimas semanas. Pedias-mo com gestos sempre que os outros saíam por alguns minutos para ir à casa de banho lavar a cara, a chorar. De ti, nem uma palavra, mas com o teu olhar inquieto conduziás devagar as minhas mãos até ao lençol que te tapava e, junto ao teu ventre, erguias os olhos e a cabeça, ligeiramente, para que eu percebesse que querias que eu enfiasse a minha mão por baixo do tecido.

Compreendo o que queres, dizia-te, aceno com a cabeça para que saibas que entendo o teu pedido, mas neste momento, sem desinfetar as mãos, na presença de tantos familiares asséticos, não posso acariciar-te. Mas posso mexer nas cortinas. Abrir a janela. Consegues ver? Daqui vê-se o mar.

Agora também tenho medo. Já deves estar na mesa de operações, a lâmina de aço é um espelho que reflete a imagem das tuas costas, dos teus glúteos, da parte interna das tuas coxas, tão perto da tua pele que nem tu te conseguirias ver. Nesse cenário opaco, talvez perguntes a ti mesma se já estás deitada no caixão. Gostava de poder aliviar o teu sofrimento, dizer-te que não, que deves confiar, ouvir as vozes que ecoam através das máscaras, as palavras que os que te operam dizem entre si (intubação, bisturi, monitor); é o verbo dos que se esforçam por devolver ao espelho a matéria da tua carne renascida.

Falo para ti, embora entre nós existam três ou quatro portas, cada uma com a sua pequena janela redonda, como um olho de boi:

Terás de esperar. Sob uma bata cirúrgica ou talvez vestida só com um desinfetante alaranjado, tocada por dedos em luvas verdes ou brancas que não te levam ao orgasmo, mas que te manipularão o coração como se fosse o fígado de qualquer outra pessoa, um órgão sem nome próprio.

Peço-te: resiste.

Aviso-te: no bloco operatório, o sono poderá crescer e demorar-se. Talvez percas a esperança, porque nos teus catorze anos acreditavas que tudo o que demora é demasiado lento, como o óleo que, em plena viagem, escorre por uma fenda e se torna insuficiente para o trajeto.

Mas insisto: resiste, caminha no sonho e tateia, procura, encontra o único recanto da anestesia que te mantém acordada na vontade de abrir os olhos e de a vomitar.

Hoje não posso tocar-te, nem poderei amanhã, continuo a pro-
telar a promessa como uma cenoura diante dos teus olhos para que
avances. Não, como uma cenoura não, como algo de que gostas,
como um peixe, uma sardinha tão fresca que mantém a forma da
sua última sacudidela, o isco que te prometi em tantas noites no teu
quarto, na cama onde até ontem os teus pais, ignorantes ou sábios,
nos deixavam a sós, tu recostada sobre uns almofadões e eu sentado
numa cadeira como o professor que deveria ajudar-te a recuperar
as aulas de matemática. Já não tinhas forças para ir à escola.

Entre nós, uma ardósia na qual eu repetia as fórmulas que
de manhã tinha escrito para os teus colegas, que perguntavam:
A Anaís morreu? Porque não volta?

A tua mãe abria-me a porta: Obrigada, professor, e agradecia-me
muitas vezes no corredor, até ao teu quarto. Obrigada, professor,
e a menina melhorou ou a menina piorou, talvez, eu não a ouvia,
ou não consigo recordar o que dizia, mas lembro-me de todos os
momentos desde que ela saía para não interromper a lição. Na tua
mesa de cabeceira fumegava um café acabado de preparar, imagem
para a qual apontavas para dizer: Vê, o fumo parece sair dos meus
remédios, e eu bebia-o nesse mesmo instante, o fumo. Esse fumo
interessava-me muito mais do que o café.

De início, recebias-me tal qual como quando me esperavas na
sala de aula, sorridente, calada, o teu coração recomposto depois de
teres subido a escadaria de dois em dois degraus, de três em três, e,
embora fosses sempre tarde para a aula, conseguias entrar antes de
mim, e disfarçavas-te de pontual; fingias que estavas à espera da aula,
mas eu tinha-te visto na marginal a caminho da escola, atarefada,
a vestir o uniforme e enfiar livros e toalhas numa mesma mala. Por
vezes, chegavas com a pele queimada pelo sol, por vezes, um pouco
de areia caía debaixo da tua cadeira, mas estavas sempre calma,
sem qualquer resquício de suor ou de pressas. O teu coração nunca

te traía, porque quando estava saudável era capaz de se recompor após a corrida como qualquer outro coração de catorze anos. Mas, depois de ter adoecido, o movimento mais insignificante tornava-se de súbito evidente, tudo era um esforço, levantavas-te para ir à casa de banho e regressavas suada, com o olhar descomposto, como se tivesses chegado tarde quando, na verdade, já nada esperava por ti.

Eu não sabia se devia dar-te a mão ou dois beijos. Isto aconteceu nos primeiros dias. Sentava-me numa cadeira e tu desculpavas-te, invariavelmente, por teres faltado a outra aula. Como estão os meus colegas? Mas no tom da tua voz a pergunta não era essa, era outra: Estarão na praia?

Ao final da tarde, a fadiga do teu coração cansava-te. Os teus olhos, antes fixos em mim, passavam a estar perdidos num qualquer ponto do ar, no vazio onde se dissipavam primeiro as equações mais complexas e depois as mais simples, até que um mais um era igual a um dois duvidoso e ofegante. Logo nas primeiras semanas, as tuas costas começaram a resvalar para baixo, esmagando os almofadões. Embora nunca te queixasses, eu apercebi-me de que a matemática te aborrecia — e o tédio é um cavalo pardo a caminho da morte. E a cirurgia e a geleira e o hospital estavam todos ainda tão distantes, tão, tão distantes, que o coração que agora ajustam ao teu peito palpitava no corpo de um atleta jovem, no tempo em que, ao ver o giz na ardósia, eu pensava em cinza antecipada, a destempo. Os restos de uma subtração que não soma uma vida sem apagar outra.

Ao ver o teu tédio, desviei a ardósia para poder tocar-te, como se por intuição soubesse que o prazer dá ânimo às células, e dei por mim a imaginar os teus glóbulos brancos como elementos cuidadosos que esperavam noite após noite unidos, fortalecidos, reproduzidos em legiões de legiões até ao número necessário para a cirurgia de hoje. Glóbulos brancos como defesas em alerta que te manteriam viva enquanto esperavas pelo culminar de um prazer sexual que desconhecias por seres tão nova, um prazer inacabado que conservasse em ti a tensão de uma linha que junta um dia

a outro até à maturidade que faz desvanecer a imagem inaceitável da tua adolescência interrompida.

Assim foi: primeiro, fiz-te descobrir a descarga sexual, a faísca no corpo de um pássaro molhado que em pleno voo une dois cordões de luz. A eletricidade no dedo que não rompe o hímen, mas que a liberta gota a gota. Apenas uma vez. A partir de então, nos restantes dias, decidi acariciar-te até que ficasses às portas do orgasmo, sempre em suspenso com a promessa de chegar ao fim no dia seguinte, no qual eu pararia, outra vez, no momento certo para te manter ansiosa por alcançá-lo no dia seguinte, que se estendeu aos dias e semanas e meses seguintes durante cem noites até hoje. Agora, és transportada sobre quatro rodas, o teu olhar fixo no teto que resvala branco sobre ti enquanto te aproximas do bloco operatório, no teu pensamento a ideia de que, no dia em que saíres, reencontrarás os quatro ou sete espasmos que te surpreenderam numa única noite, quando afastei a ardósia para desfazer o giz no líquido genital, fluido amniótico que está presente tanto na formação do feto por nascer como na excitação do ventre que se dilata e contrai sob uns dedos à temperatura corporal: de 36 a 38 graus. Centígrados. Humanos. Eretos como um coração de atleta que volta a palpitar nas escadarias da escola, e que está atrasado, e que sobe os degraus à pressa, e que os salta de dois em dois, de três em três, carregado de livros, de música, de areia, sem se dar conta de que, no último patamar, um cirurgião está a retirar a mão de cima de si num sussurro: não pares, menina, estão à tua espera.

ELE

Saber que é ele, embora esteja fisicamente irreconhecível, adormece-me os sentidos. Sempre que não estou com ele, afastome do cheiro desagradável, da visão de uma face desfigurada, do som do sofrimento. No entanto, quando cuido dele, aqui, na mesma cama onde o deitámos no dia em que o trouxeram, o seu estado não me induz o vômito, e beijar-lhe-ia todo o corpo se a sua pele o permitisse. Mas a escassa pele que lhe resta intacta é, neste momento, tão delicada como a desses insetos prateados que vivem nas zonas húmidas das casas e que se desfazem ao mínimo toque. Limpo os pedacinhos de pele que se agarram ao termómetro, à colher diminuta com que lhe dou a sopa; às suas pestanas, que recolhem partículas que, como escamas, se desprendem das suas pálpebras.

Mas está vivo. E, quase tão importante quanto isso, está. Ele está. É isto que digo a mim mesma todas as manhãs, antes de abrir os olhos neste sofá para olhar para ele, que está a poucos metros de mim. Está. Ele. O que vier agora não é importante, a agonia, a morte. O pior — os meses de procura, o estado de espírito de permanente vigília, à espera de uma notícia — já passou. Por isso, quando o Arturo me disse que ele estava irreconhecível e me perguntou se estava preparada para o ver, não temi essa visão do horror, a que os nossos vizinhos, eles sim, viram — até desviavam o olhar, por vezes — enquanto nos ajudavam, a mim e ao Arturo, a deitá-lo na cama.

Quando todos se foram embora, ficámos, eu e o Arturo, diante dele. Não dissemos nada. O Arturo deu alguns passos para sair

do quarto e, já no umbral da porta, voltou-se para trás e disse-me: «Só falta a dentadura. Esqueci-me dela. Trago-ta esta semana.»

Como outros, ele perdeu a dentadura numa explosão, e usava uma prótese. O Arturo disse-me há três semanas que a traria, mas ainda não o fez. Não importa. Não lhe faz falta, porque o seu estômago é incapaz de suportar o peso da comida.

Há muito tempo que não limpo o pó. Vejo-o nos móveis, a flutuar numa lâmina de luz que entra pela janela. Quero prová-lo. Abro a boca para que poise na minha língua, para tentar conhecer o seu sabor, perceber se serve de alimento, porque a boca dele está entreaberta e eu gostava que esta farinha de pelo de cão, de terra dos sapatos, de asas de mosca, lhe oferecesse algum nutriente. Mas este pó não sabe a nada, não tem cheiro nem sabor. Apenas se vê.

O que lhe resta de vida é tão débil que não me atrevo a mexer-me quando estou perto dele. Não quero que o ruído dos meus passos interrompa a sua respiração, que consiste num sibilo constante, um sibilo que se fosse tocado com um instrumento corresponderia a um fá bemol. Por isso, logo pela manhã, preparo tudo aquilo de que preciso para passar o resto do dia nesta cadeira, diante dele, violino de uma só corda. Não sei se, apesar do seu estado, mantém os ciclos de vigília e de sono. De noite, o som persiste, embora já não seja um violino. É um piano de uma só tecla.

Além do sibilo, apenas silêncio. Desde que o trouxeram, o silêncio repete-se até no pátio. O cuidado que tenho em mover-me o mínimo possível parece ter contagiado os vizinhos. Andamos todos em bicos dos pés. Acho que tentam pôr-se no meu lugar. Ontem, os aliados trouxeram a rapariga do quarto 2B. Não a vi, mas dizem que está reconhecível.

Em três semanas, o médico veio vê-lo duas vezes. Sei que o faz mais por mim do que por ele. Toca-me na testa para medir a temperatura, observa-me as pupilas, traz-me algo para comer. Receia que os medicamentos não tenham passado a fronteira. Dá-me instruções sobre como lhe fazer a higiene. Mas, garante-me, ele não sobreviverá.

Esqueci-me depressa da angústia gerada pelas buscas para o encontrar. A sua presença já não me reconforta. Agora, também quero que viva. A dor de hoje é sempre pior do que a do passado, porque é mais jovem, está no tempo de medrar. A minha dor tem ossos de adolescente e está a alongar-se. Prefiro a incerteza dos dias em que não o conseguíamos encontrar à evidência de o ver neste estado. Começo a refugiar-me na dúvida. A dúvida dói menos do que a esperança. Mas olho para ele e tudo se transforma em certeza. O seu peso é uma certeza. A sua temperatura é uma certeza. A febre dele não diminui. Nele, o termómetro parece um medidor da morte. Deixo de lhe medir a temperatura. Quero saber tão pouco quanto me seja possível.

Ele não gosta dos momentos em que lhe faço a higiene. Conseguir aperceber-me de que algo o incomoda foi um passo importante. Talvez ele já o tenha tentado antes, mas só hoje percebi que, por não poder fazer qualquer gesto, emitir qualquer gemido, ele comunica através da segregação de um odor particular, muito intenso, que se dispersa pelo quarto como os esporos de um fungo. Quando sabe que o vou limpar, cheira a isto. O fedor surge sempre que algo lhe desagrada. Não me deixo intimidar por esse odor e dispo-o.

Não sei por quanto tempo poderei continuar a considerá-lo um homem. Ele não se debate entre a vida e a morte, mas sim entre a morte e a coisa. Por isso, se percebo que as fraldas estão húmidas, que têm algo semelhante à minha urina ou às minhas fezes, digo para mim mesma: «Continua a ser humano.» Celebro as suas excreções como um triunfo de vida.

Depois de cada refeição, limpo-lhe a boca. Envolver um dedo em ligadura e deslizo-o por toda a zona mucosa, limpando-lhe bem a língua, as gengivas. Passo com o dedo pelos sulcos onde antes estavam os seus dentes. Estimulo-lhe a saliva. Para que ele consiga respirar, tiro o dedo da boca a cada dois ou três segundos, e depois continuo. Palpo as úlceras, parecem mais pequenas. Sempre que lhe toco numa ferida com a ligadura, todo ele se encolhe. Não é certo que também as feridas que cicatrizam vão encolhendo? Sorrio de contentamento.

Os dias esvaem-se e eu permaneço indiferente a todas as minhas necessidades. Antes, vivia para o encontrar; após a sua chegada, porém, dissipei-me. Sei que me levantei porque não estou deitada. Sei que me pentei porque o meu cabelo está preso por dois ganchos. Sei que comi porque existem restos de comida no caixote do lixo. Mas não sei o que acontece quando me separo dele. Vivo nele. Sou a bactéria que cresce num moribundo. O abutre que, ignorante do seu voo, vive como um pêndulo sobre a carniça.

Surgiram hoje, vindas do nada. Ontem observei-lhe o corpo milímetro a milímetro e não as vi. São umas úlceras escuras que lhe salpicam o corpo. São como pegadas de lodo. Deve ser o passeio vespertino da agonia. Cheiram a água estagnada, a rã.

Quando respira continuamente pela boca, forma-se uma membrana que quase lhe tapa a garganta. É como a pele interior de uma casca de ovo. Puxo por ela e sai toda inteira. Desfaz-se nas minhas unhas.

Trouxeram-no despido, e para evitar magoá-lo não quis tapá-lo. A pele sobra-lhe sobre os ossos. No entanto, acho que começa a tolerar um pouco mais a sopa porque passei a dar-lhe sete colheradas, e antes só lhe dava cinco. Sete tomas que interrompem o sibilo da sua respiração enquanto engole. Além disso, a pulsação mudou. Antes, ao pegar-lhe no braço pelo pulso, não sentia o pulsar do sangue, mas uma espécie de fluir contínuo, incontável como uma mão-cheia de água. Era como se o coração se estivesse a liquefazer. Agora, é possível distinguir uma pulsação da outra e, embora sejam demasiadas, já é possível contá-las.

Não acreditei no diagnóstico do médico. Tenta aplicar a tradição do seu conhecimento a um corpo ferido por um novo mal. As fossas estão a encher-se com corpos neste estado, mas também se ouve falar de exemplos de recuperações, coisas que começam a assemelhar-se a pessoas, primeiro, e que mais tarde se atrevem a distinguir-se enquanto homens ou mulheres. Ele ainda não recuperou a sua forma, mas começou a ter apetite, uma fome repentina. Quando lhe ponho a colher na boca, não quer soltá-la. Agarra-a entre as gengivas

desdentadas. A mandíbula não se move. Este foi o seu primeiro movimento. Agora, preciso dos seus dentes. Amanhã tentarei falar com o Arturo.

Ontem, o sibilo começou a abrandar. Apercebi-me disso e senti-me invadida pelo medo. Desde que vi o seu corpo enfraquecido, translúcido, temo quaisquer emagrecimentos, também o do som. Num momento de confusão, provoqueei-o. Precisava de o incomodar para sentir de novo a sua resposta. Como acho que não gosta de luz, afastei as cortinas. O sol bateu-lhe em cheio na cara e ele segregou o seu odor em sinal de reprovação.

Renasce a esperança. Abraço-a. Recupero a fé no termómetro. A febre está em remissão. Já avisaram o Arturo. Virá esta tarde. Poderá vê-lo por si próprio. Embora aparentemente não tenha mudado, o seu apetite não pode indicar senão uma melhoria. Estou a cozinhar a primeira comida que mastigará em meses. Preparo-a enquanto penso no som que fará quando a morder. Não só está como viverá. Mastigará.

A recuperação é iminente. «Tenho frio», disse ele. A sua voz soou-me tão desconhecida que, de início, duvidei de que tivesse vindo dele. Cobri-o de imediato com um lençol. A pele parece conseguir resistir ao peso do lençol, e ele agarra-o com os seus dedos sem unhas como se agarrasse muito mais do que um pedaço de pano. Está a lutar. Tem fome e frio. Assisto, atónita, ao nascimento do meu marido.

O Arturo não pôde vir, mas um vizinho trouxe-me a dentadura. Está envolta num lençol. Desembrulho-a. Quero limpá-la antes de a pôr na boca dele. Deixo a comida ao lume e molho os seus dentes num jorro de água. Um deles é dourado, ele quis mantê-lo para simular a falta do original, que lhe arrancaram quando era jovem.

O jantar está pronto. Sopro uma colherada para poder prová-la. Não me lembro da última vez em que cozinhei com cuidado e dedicação. Ao servi-la, tremem-me as mãos. Escolho uma pequena porção com bastante caldo, porque ainda não sei se conseguirá mastigar. Oíço o som do alimento sólido ao cair no líquido na tigela. O som do que é sólido é musical. Quero entrar no mundo dos sólidos, distante da nota de um violino, do vento invisível do seu sibilo.

Pego na cadeira. Sento-me. Deixo a tigela perto dele. A comida ainda está demasiado quente. Tiro a dentadura do bolso do meu vestido para pô-la na sua boca.

Custa-me muito abrir-lhe a boca. Não sei se tem força suficiente para resistir ou se a mandíbula está contraída por outra qualquer razão. Falo com ele com uma serenidade que esconde a minha excitação. Penso que, ao pô-lhe esta dentadura, mostrará de novo o seu rosto, viril, impecável, como se fosse a peça do puzzle que dá sentido à imagem. Mas não encaixa. A peça do puzzle parece ser um dos dois mil pedaços de um céu de um azul homogéneo. Embora os ossos dos seus maxilares tenham escapado à degradação do corpo, a dentadura não encaixa. Surge uma explicação no meu cérebro, mas é demasiado atroz, afasto-a. Tento tranquilizar-me, não ceder aos nervos. Olho de novo para a dentadura. É claramente a mesma. E num instante, regressa à minha cabeça a mesma explicação, nítida, sem qualquer dúvida, o horror: não é ele. O homem de quem tenho estado a cuidar durante sete semanas não é o meu. Destapo o que está na cama. Grito. Pego na tigela quente e verto-a sobre o seu peito. O jantar queima-lhe as chagas. Corro dali para fora, à procura do verdadeiro. A procura, de novo. Sinto-me ser invadida por náuseas. Ódio. Desço as escadas apressada. Caio. Levanto-me. Dói-me o tornozelo. Vejo a rua, enorme. Coxeio tão depressa quanto posso.

Literatura de alto risco, inquietante, que põe ombro a ombro ideias hipnóticas, terríficas, resoluções devastadoras e momentos de uma beleza estranha e desarmante, os contos de Marina Perezagua, reunidos neste volume inédito, são pequenas explosões literárias. Misturando o insólito, a violência, a beleza, a esperança, a crueldade e o desespero, apresentam, tão dura como ela é, a parte negra da experiência humana, sem limar arestas ou evitar faúlhas, mas também sem negar a possibilidade de redenção, o reencontro e o amor.

«Inquietante.»

El País

**«Marina Perezagua é uma entusiasmante nova voz,
uma das melhores na nova geração de escritores espanhóis.»**

Salman Rushdie

«Uma escritora feroz.»

José Ovejero

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-28-4



9 789898 864284

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT